



## O que a Globo separa, o *Esquenta!* junta<sup>1</sup>

Maria Leonora da SILVA<sup>2</sup>

Norma MEIRELES<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### RESUMO:

O presente trabalho é um estudo do programa televisivo *Esquenta!* apresentado por Regina Casé na rede Globo de televisão. Foram analisadas quatro edições veiculadas em junho de 2013. A proposta é analisar a participação das chamadas minorias sociais, focando no discurso de combate ao preconceito. Este trabalho reflete sobre os conteúdos exibidos nos meios de comunicação e de que forma eles ajudam (ou não) na formação de uma sociedade que valorize as diferenças culturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; televisão; preconceito; minorias.

### 1. Televisão e Sociedade

A humanidade evoluiu com o passar dos tempos e, com ela, evoluiu também a forma de comunicação entre os seres. As rochas e papiros deram lugar a jornais, televisões e computadores. Mas, será que à medida que o suporte tecnológico avança para garantir a qualidade da transmissão, também há um avanço na qualidade dos conteúdos transmitidos?

A televisão chegou ao Brasil nos anos 1950 e, aos poucos, foi ganhando espaço no cotidiano dos brasileiros. Com a sua popularização também se tornou meio de entretenimento, tendo começado suas transmissões na região Sudeste, e depois, com as grandes emissoras formando afiliadas em vários estados brasileiros.

Da TV Tupi aos grandes grupos hegemônicos e redes nacionais muita coisa mudou. O país que acompanhava as notícias pelo rádio hoje pode ser analisado através da TV. Sobre o universo televisivo Bucchi (2000, p.8) nos indaga: “Pode-se pensar o Brasil a partir da televisão? Sim, sem dúvida. E talvez não haja mais a possibilidade de pensar o Brasil sem pensar a tv”. Utilizada como objeto da construção de uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Junior – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: [negranora@gmail.com](mailto:negranora@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Doutoranda em educação e professora do Departamento de Comunicação Social da UFPB, email: [norma.meireles@gmail.com](mailto:norma.meireles@gmail.com)



identidade nacional, a influência da televisão e o cumprimento (ou não) de seus objetivos tem sido questionados.

Não se trata de fechar os olhos para os avanços estéticos e tecnológicos alcançados pela televisão no Brasil, nem de pretender descartar o seu êxito em lograr a integração da nacionalidade, mas se trata, isto sim, de se relacionar criticamente com a história da presença deste veículo entre nós (...) (BUCCHI, 2000, p. 11).

Sobre a influência da TV, Pignatari (1984, p.14) escreve: “A televisão é um veículo de veículos é um grande rio com grandes efluentes. Só que um rio reversível: recebe e devolve influências”. A qualidade técnica que a TV adquiriu no país faz com que se cobre também a mesma agilidade na produção de conteúdo.

Quando vemos uma televisão tão ágil e tão bem feita esteticamente, não podemos admitir que essa televisão perca a oportunidade histórica de elevar o nível cultural do nosso povo. (LIMA, 2000, p. 210).

Elevar o nível cultural implica em esclarecer, por exemplo, que a televisão é uma concessão pública e que a sociedade civil pode interferir na renovação (ou não) das licenças.

## **2. Programas de Auditório na Televisão**

Os programas de auditório na televisão começaram seguindo o modelo dos programas de auditório que eram feitos nas rádios, inclusive com as apresentações de calouros e concursos musicais.

Da ousadia de Flávio Cavalcanti<sup>4</sup> ao jeito “debochado” de Abelardo Barbosa, o Chacrinha, passando pela empatia de Sílvio Santos, a história da televisão brasileira também foi construída com a participação da platéia.

O Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, mantém o Programa Sílvio Santos<sup>5</sup>, com o apresentador que é referência. Mas, além do programa “do patrão”, há outras atrações no estilo. Raul Gil, Eliana e Domingo Legal são alguns programas de

---

<sup>4</sup> Flávio Cavalcanti apresentou programas de calouros e de entrevistas nos anos 60,70 e 80.

<sup>5</sup> O Programa Sílvio Santos (antes Carnê do Baú), 1968, foi ganhando espaço com novos quadros de calouros e brincadeiras, chegando a ter impressionantes oito horas de duração, comandadas ao vivo pelo apresentador Sílvio Santos. Com isso, figurou por anos no Livro dos Recordes como o programa mais duradouro e o mais longo da TV brasileira. Disponível em: <http://www.sbt.com.br/programasilviosantos/programa/>



auditório exibidos pelo SBT. A rede Globo exibe Caldeirão do Huck, Domingão do Faustão e Altas Horas. Cada um com seu estilo. A Record mantém no ar o Melhor do Brasil

Regina Casé tem uma irreverência própria, faz um programa cuja proposta é o diferente do modelo ‘Abelardo Barbosa’ (inclusive na forma de tratar o telespectador), mas na hora de dar brindes ao público, imita alguns gestos e bordões do Chacrinha.

## **2. 1 O Chacrinha e sua Buzina**

Abelardo Barbosa, o apresentador Chacrinha, fez sucesso no rádio e levou seu jeito irreverente para a televisão. Sempre com roupas coloridas e o humor misturado ao improvisado, ele oferecia ao público presente as macaxeiras, bacalhaus e melancias. Entre uma buzina e outra revelava um artista de talento.

Ele não é o palhaço de circo na televisão, não: ele é o palhaço de televisão, aquele que soube somar o rádio, a praça pública, a multidão, o circo e o teatro de variedades para obter um espetáculo televisual único em todo o mundo. (PIGNATARI, 1984, p.12).

Regina Casé tem uma irreverência própria, faz um programa cuja proposta é o diferente do modelo ‘Abelardo Barbosa’ (inclusive na forma de tratar o telespectador), mas na hora de dar brindes ao público, imita alguns gestos e bordões do Chacrinha.

## **3. O Programa Esquenta!**

O programa televisivo de auditório iniciou na rede Globo de televisão em 2011, na grade de programação de Verão e uma edição especial no mês de junho sobre o São João. Tendo repetido a mesma formatação em 2012, deixou de ser apenas um projeto temporário para fazer parte da grade fixa da Globo no ano de 2013. O *Esquenta!* é apresentado por Regina Casé, aos domingos, às 14h15<sup>6</sup>.

Fazem parte do elenco fixo do programa: músicos, humoristas, bailarinos e auxiliares de palco, inclusive crianças. Especialistas das mais diversas áreas participam semanalmente. Entre os temas discutidos estão: direitos de portadores de necessidades especiais, questões ligadas à homossexualidade e às questões raciais. No mesmo

---

<sup>6</sup> Horário aproximado, com variação de alguns minutos a cada domingo.



programa há especialistas reconhecidos como o sociólogo Mangabeira Unger<sup>7</sup> e outros personagens, anônimos até aparecerem na tv, como a blogueira de moda Luane Dias, moradora de uma comunidade do Rio de Janeiro. A diferença de atuação ilustra o slogan do programa: “O que o mundo separa, o *Esquenta!* junta!”.

Geralmente com três blocos cuja duração varia de 15 a 30 minutos, cada programa é baseado num tema central, mas não exclusivo. Outros assuntos entram na pauta. O cenário e o figurino da apresentadora e da equipe estão de acordo com o assunto predominante no dia. Um dos componentes importantes do *Esquenta!* é o figurino. Tanto a apresentadora quanto o restante do elenco usam roupas que complementam a temática central do programa. A interação com o tema do domingo começa pela leitura visual. Regina Casé usou uma roupa com estampas de tucano na tarde em que se falou sobre aves. Preservação, diversidade de espécies, beleza do canto etc. foram debatidos neste dia. Na edição especial de São João, o figurino era típico de festa caipira. Muitas cores, babados e estampas. As crianças estavam representando pequenos espantalhos e os demais convidados, assim como o auditório, usavam xadrez.

Assim como o figurino, o cenário do *Esquenta!* também se veste diferente a cada edição do programa. O figurino, o ambiente e plateia formam um único visual para que o telespectador faça essa leitura visual do programa durante todo o tempo em que estiver no ar.

### 3.1 Na Cobertura e na Laje “Ela” Está

A apresentadora **Regina** Maria Barreto **Casé** tem no DNA o talento para a vida artística. Filha de Geraldo Casé<sup>8</sup> e neta do radialista Ademar Casé, conviveu desde cedo com roteiros e representações. Aos 20 anos fundou com alguns colegas o grupo teatral Asdrúbal trouxe o trombone, que fez parte da cena cultural carioca nos anos 1970. No cinema, Regina fez sua estréia em 1978, com o filme *Chuvas de Verão*, do cineasta Cacá Diegues.

Na Globo, iniciou em 1983, com a personagem Carlotinha Bimbati, na Novela *Guerra dos Sexos*, de Sílvio de Abreu. Mas, veio em 1986 o personagem televisivo de maior repercussão, *Tina Pepper*, em *Cambalacho*, também escrita por Sílvio de Abreu.

---

<sup>7</sup> Roberto Mangabeira Unger. Filósofo e professor da Universidade de Harvard.

<sup>8</sup> Ator e diretor de televisão. Adaptou o Sítio do Pica Pau Amarelo para a tv.



Desde os anos 1980, participou do humorístico TV Pirata, fez novelas e nos anos de 1990 começou a apresentar programas populares a exemplo de Programa Legal, Brasil Legal, Muvuca e Central da Periferia. No ano de 2002 fez sua estreia como diretora ao lado de Fernando Meirelles, em Cidade dos Homens.

Experiências como o programa *Um pé de quê?*<sup>9</sup> e o quadro Minha Periferia, do Fantástico, levaram Regina a países do continente africano a exemplo de Angola e Moçambique. Ambos de língua portuguesa.

Pela empatia com o público, a apresentadora consegue circular entre os diversos ambientes do programa e intercalar o diálogo entre participantes de áreas tão diferentes. Ela é uma das idealizadoras do *Esquenta!*, exprime sua opinião no programa e faz comentários diante das situações inusitadas – sérias ou engraçadas – que acontecem durante as gravações.

O jeito irreverente e a forma popular de se comunicar, fez com que ficasse “a cara” do povão, embora não seja uma integrante do povão propriamente dito. Isso fica claro na letra da música de abertura do programa: “*na cobertura ou na laje ela está*” e em outro trecho “*mantém a sina de ser popular*”. A música é cantada pelo sambista Arlindo Cruz, do elenco fixo do *Esquenta!*

#### **4. A Participação da Comunidade – Sua Realidade e Seus Projetos**

Com a participação dos grupos Olodum, da Bahia e AfroReggae, do Rio de Janeiro, neste programa, exibido dia 02 de junho, o debate gira em torno da ressocialização de pessoas em conflito com a lei. A maioria jovens moradores de periferias e que estão sendo reinseridos na sociedade através de projetos que utilizam a arte-educação, principalmente a música. Regina Casé fala dos talentos que podem ser encontrados em todos os locais e que “muita gente saiu da periferia para ensinar ao mundo coisas que ninguém sabe” e que não há mais sentido fazer uma divisão entre *periferia e centro*.

A cidade sempre foi algo passiva em face das imposições da divisão social do trabalho, mas bastante ativa na organização das diferenças sociais (conseqüências das desigualdades na distribuição de rendas) e nas definições dos papéis e funções. (SODRÉ, 1990, p.20).

---

<sup>9</sup> Programa idealizado por Regina Casé. Produzido para o canal Futura, mas também exibido na rede Globo durante alguns anos.



Uma divisão que está relacionada a formas de diferenciar os cultos dos incultos, os pobres dos ricos. Com o mundo globalizado muitas “certezas” mudaram, inclusive as definições de espaço e de pertencimento. A noção de identidade também se mostra flexível. Hall (2006, p.13) afirma que

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Na tônica do diálogo com os educadores e jovens, a questão racial e social se entrelaçam. A maioria dos participantes em ressocialização eram negros e vindos de famílias de baixa renda. Situações como a dependência de drogas, a passagem pela unidade prisional e a orientação sexual não aceita afetam o indivíduo na sua identidade e ele é passado a ser visto como uma subclasse.

Se você foi destinado à subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira vivendo de previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem – teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a *priori*. O significado da ‘identidade da subclasse’ é a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do ‘rosto’ esse objeto do dever ético e da preocupação moral. (BAUMAN, 2005, p.46).

O coordenador do AfroReggae, José Junior, fala das dificuldades enfrentadas pelo projeto Além do Arco-Íris, cujo foco é reinserir no mercado de trabalho travestis egressos da prisão.

## 5. Sem a “Mesmice” do Politicamente Correto

Nos juntamos, formamos grupos, mas a ideia de uma identidade, de pertencimento se misturam quando precisamos entender e conviver com as diferenças. Sejam elas físicas, mentais ou culturais. Surge aí o desafio da inclusão.

É comum a participação de pessoas com deficiência no *Esquenta!*. Na edição do dia 16 de junho, no momento do karaokê, um cadeirante participa cantando uma música de Lulu Santos. Depois, outro rapaz na cadeira de rodas aparece falando sobre a venda



de CDs com cantos de pássaros. Em outro momento do programa, Jun Pablo, um deficiente visual imita pássaros e fala de suas práticas esportivas e de seu cão guia. Regina Casé chama Nathália, uma moça do elenco fixo e que é deficiente visual. Ela e Juan Pablo falam sobre a emoção de fazer trilhas.

Praticar a inclusão é adotar uma nova ética, inspirada na certeza de que a humanidade encontra infinitas formas de se manifestar, sobre as quais é impossível atribuir um valor mais ou menos humano. Apropriar-se desta ética da diversidade significa abandonar o equivocado hábito de hierarquizar condições humanas definindo quais delas tem ou não tem direito, dos mais simples aos mais complexos. O velho hábito será substituído por inusitadas reflexões e atos que garantam a cada recém-nascido o direito de nunca ter o seu valor humano questionado, sob qualquer alegação, não importa o que lhe aconteça, de que forma ande, pense, leia, enxergue ou se expresse. (WERNECK, 2003, p. 10)

Ambos tiveram uma participação no *Esquentá!* nos quadros comuns. Não foi uma entrada para falar da sua deficiência em si. Geralmente usuários de cadeira de rodas são entrevistados sobre acessibilidade, preconceito etc, mas não se amplia o leque de assuntos sobre os quais pode opinar e as coisas que ele sabe fazer. O programa deu um outro olhar.

## 6. A Sanfona (e não a bateria) Arrebenta

*A sanfona arrebenta  
Todo mundo comenta  
Que pulando a fogueira  
O nosso domingo esquentá*<sup>10</sup>

A trilha sonora do programa foi adaptada para o clima junino, as palavras “sanfona” e “fogueira” foram inseridas na abertura da edição especial de São João. As quadrilhas Moleca Sem Vergonha e Pisa no Espinho foram as atrações do dia 23 de junho de 2013. Véspera de São João. Regina Casé chamou o programa de *Esquentão!* Uma mistura do nome *Esquentá!* com o “quentão”, bebida tradicional das festas juninas.

Ao trazer uma quadrilha de Campina Grande e outra de Caruaru, a proposta era desfazer (pelo menos na tv) a ideia de “rixa” entre as duas cidades. Por coincidência, o coronel de quadrilha da Paraíba se chamava Mahatma Gandhi, mesmo nome do líder religioso indiano conhecido pelo espírito pacificador.

---

<sup>10</sup> Música tema de abertura, composta por Arlindo Cruz, adaptada para o programa de São João



Regina diz que o Brasil é o único lugar que tem empate no maior São João do mundo, deixando clara a proposta do programa de não se envolver na disputa entre as duas cidades nordestinas.

Comidas típicas, sanfoneiros e barraquinhas (como a do beijo) foram intercalando os quadros. O sanfoneiro Targino Gondim<sup>11</sup> e o Quinteto Sanfônico tocaram as músicas juninas mais conhecidas como *A fogueira tá queimando* e *Cai cai balão*.

Característica do programa, a mudança rápida de quadros e os cortes bruscos, o *Esquenta!* especial de São João misturou muitas idéias se transformando numa *salada musical*, mas que dava para “digerir”. A dinâmica do programa permite a mistura de estilos musicais. O filósofo e professor Mangabeira Unger, um dos participantes da edição de 23 de junho, diz que é preciso “misturar a cultura de elite com o popular”, então conseguiremos a inspiração para a mudança.

O forró se misturou ao funk da Mulher Mangaba (personagem de Ellen Roche na novela), ao Passinho do Abençoado (funk gospel) e à orquestra de Nilópolis tocando com o sambista Arlindo Cruz. O clássico, o forró, o sertanejo e o funk presentes num mesmo estúdio. A princípio pode parecer uma Babel<sup>12</sup>, mas a dinâmica do *Esquenta!* possibilita que os diferentes conversem e se entendam. Ou pelo menos, dividam o mesmo espaço.

## 7. Periferia *Fashion!*

O “Vem que vem que vem com tudo” é o refrão cantado quando algo vai entrar na moda ou ter destaque. No caso da plateia, o slogan é repetido quando alguém vai mostrar o *look*. Geralmente é algo que “caiu no gosto do povão” como *legging* branca de listras pretas ou uma tiara de cabelo cujo preço varia de R\$ 2,00 a R\$ 7,00.

Ao falar sobre os blogs de moda, as *it girls*<sup>13</sup> e a nova mania de não sair de casa sem postar o look do dia, Regina chama algumas pessoas da platéia para falarem sobre a roupa que estão usando. Vai também o maquiador de Preta Gil, motivado pela própria cantora.

---

<sup>11</sup> Compositor da música Esperando na Janela, tema do filme ‘Eu, Tu, Eles’, estrelado por Regina Casé.

<sup>12</sup> Referente à história bíblica que explica a mistura das línguas. O que faz com que as pessoas não entendam os que as outras dizem.

<sup>13</sup> Garotas que se tornam referência, são admiradas e lançam tendência, além de serem formadoras de opinião.





O maquiador fala sobre sua roupa. Diz que ela veio de Tokyo, que o acessório veio de Nova Iorque etc. A moça da platéia diz que uma parte da roupa ela comprou em Bangu e a outra parte em Madureira, no subúrbio carioca. Ela fala em tom sério, mas o humorista Victor Sarro repete ironizando: “Enquanto ele fala Tokyo, Nova Iorque... Ela diz Bangu, Madureira”.

É um dos momentos em que o programa é incoerente. Se o objetivo é romper preconceitos, não tem porque tratar com ironia alguém que comprou uma roupa na feira, num shopping popular ou na estação do metrô. A função da roupa não seria a mesma? O preço da roupa diz o valor da pessoa? Nesse caso, o comentário jocosos foi uma forma de preconceito.

## **8. A Blogueira de Moda Luane Dias – Um Caso a Parte**

Longe de ser uma daquelas *it girls* que se vestem com a tendência da moda de Paris e Milão, a blogueira Luane se considera uma referência *fashion* da comunidade. Ao ser indagada pela apresentadora Regina Casé sobre como saber o que está em alta, ela diz sem titubear: “quando eu estou usando, está na moda”.

Sempre de óculos escuros e cabelos armados, Luane foge do padrão das blogueiras de moda. Ela fala especificamente para a comunidade e foi descoberta através de uns vídeos postados no *youtube* em que dava dicas de como se vestir para as meninas “sem muita grana”. Ela não é simpática e não se esforça para tal. O mau humor constante de Luane e suas alfinetadas no figurino dos músicos rendem muita gozação de todos.

Para o dia dos namorados, a produção lançou uma campanha para encontrar um rapaz que desejasse namorar Luane. Os candidatos enviaram vídeos e 3 foram escolhidos. Quando um deles (negro) falou que fazia faculdade de Direito ela disse que era mentira porque na hora em que Regina lançou o doce bem-casado para a plateia, ela estava observando o rapaz e viu como foi a atitude dele. Então Luane comenta: “precisava ver a pobreza avançando!”. O auditório inteiro rir.

Ao duvidar que o rapaz pretendente a ser seu namorado estaria mentindo ao dizer que era aluno de Direito numa faculdade ela usou um argumento que denota dois preconceitos. “Precisava ver a pobreza avançando!” nos faz observar na fala de Luane que pobre não pode cursar faculdade de Direito. Advogado e médico ainda são cargos para favorecidos economicamente? A outra questão é quando ela fala de pobreza num



sentido pejorativo, como se pobreza fosse a mesma coisa que bagunça. A declaração dela passou sem que ninguém comentasse a respeito.

Não tem como saber se o estilo de Luane é “um personagem” criado pela blogueira ou se é ela mesma. Em análise feita pelo filósofo Mangabeira Unger, Luane tem inclinação para a Filosofia, visto que a blogueira ataca o ponto de vista convencional, fazendo o que a filosofia pratica: a subversão intelectual permanente.

### **9. Cabelo de “Lora” e rebolado de “Mulata”**

No quadro da *transformação* as mulheres são chamadas a mudar a cor do cabelo. Uma empresa de cosméticos patrocina o ‘tapa no visual’. Diferente de outros programas, em que as mulheres de cabelo crespo alisam suas mechas, no *Esquenta!* elas escolhem se querem ficar loiras, ruivas ou simplesmente esconder os cabelos brancos. Sobre a interferência na identidade, Bauman (2005, p.19) afirma que

As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.

Ao retornarem com os cabelos arrumados, Regina Casé comenta que elas estão com a ‘cara de rica’ e disputam o voto da plateia pelo rebolado e não pela cor das madeixas. Ao sambar e mexer os cabelos, elas colocam a bunda para o lado dos músicos, que geralmente influenciam a plateia nos votos. Se a mudança foi nos cabelos, por que outra parte do corpo das brasileiras continua sendo a mais notável?

No programa em que a antropóloga Mírian Goldemberg é entrevistada, ela apresenta uma questão cultural que influencia nos novos relacionamentos. Mírian, que é estudiosa de relacionamentos afetivos, diz que os homens podem apresentar a companheira para alguém e dizer: “Esta é minha mulher”. No entanto, elas não tem a liberdade e não foram acostumadas a dizer “meu homem”. Diante da afirmação, Regina Casé começa uma campanha no programa para que as mulheres chamem seus companheiros de “meu homem” e, inclusive, se refere assim a Estevão Ciavatta (seu esposo) quando este chega ao estúdio.

Se compararmos as duas situações anteriores teremos uma contradição. No mesmo programa em que as mulheres são chamadas a usar um termo que vai de



encontro a preconceitos culturais ligados ao machismo, encontramos também um dos gestos que mais reforçam a visão do sexo feminino como objeto de prazer: o tamanho das nádegas e o rebolado da mulher brasileira.

### **10. O Programa Faz a (pequena) Diferença**

Quando a apresentadora Regina Casé pergunta: “Alguém sabe o que faz um filósofo? Quem sabe pra que serve um antropólogo?” Suas atitudes “didáticas” são uma prova de irreverência, mas também mostram o quanto a população brasileira desconhece sobre si mesma e sobre seus intelectuais. Quantos filósofos, sociólogos, antropólogos vemos na tv aberta no horário de almoço e falando de uma forma que fuja de termos técnicos? Uma das funções dos meios de comunicação é servir de potencial educador. Os assuntos relativos às questões sociais vem ganhando espaço na televisão brasileira, mas nem sempre são tratados com a naturalidade com que o *Esquenta!* trata.

Dar voz a uma pessoa com deficiência para falar de outros assuntos que não sejam relacionados à sua condição de “diferença” é um diferencial do programa. Falar de um projeto para reinserção de travestis egressos da prisão no mercado de trabalho é ainda um tema pouco discutido.

Embora pensemos que ainda há um longo caminho a percorrer, consideramos louváveis as iniciativas existentes no *Esquenta!*, como dar espaço para uma banda de rock como a Pedra Letícia, vinda de Goiás, estado aonde ela deve ser minoria, visto a predominância do estilo sertanejo na Região Centro-Oeste.

Considerada o quarto poder, a mídia tem um papel social muito importante, como a prática da denúncia e da busca de soluções para o bem da sociedade. Mesmo os programas de entretenimento podem trazer temas educativos que sejam de interesse social. Sabe-se que os apresentadores de televisão nem sempre tem formação na área de comunicação social, mas a equipe de produção (no caso do *Esquenta!*) tem jornalistas nas áreas de redação e de pesquisa. Fator que contribui consideravelmente na elaboração do programa.

Estudar a relação entre televisão e sociedade perpassa as abordagens da educação como um todo. Inclusive qual a interferência da mídia no processo educacional e qual a visão crítica que a escola e a família estão formando. A sociedade



precisa dos meios de comunicação e estes, dela. É preciso encontrar um meio termo para que possamos realmente contribuir com informação para que haja formação.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BUCCI, Eugênio. **A Tv aos 50 anos**. Criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CASSINO DO CHACRINHA. **Memória Globo**. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237355,00.html>. Acesso em: 02 mar. 2014

ESQUENTA. **Gshow**. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/esquenta/O-Programa/noticia/2013/06/no-arraia-do-esquenta-ellen-rocche-comanda-a-barraca-do-eijo.html>. Acesso em: 02 mar. 2014

\_\_\_\_\_. **Gshow**. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/esquenta/videos> Acesso em: 02 mar. 2014

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Fernando Barbosa . Novos formatos de programação. In: Almeida, C.J.M. de; Araújo, M.E. de. **As perspectivas da televisão brasileira ao vivo**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

PIGNATARI, Décio. **Signagem da televisão**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

SODRE, Muniz. **A máquina de Narciso**. Televisão, indivíduo e poder no Brasil. Cortez, 1990.

WERNECK, Claudia. **Você é gente?** O direito de nunca ser questionado sobre o seu valor humano. Rio de Janeiro: WVA, 2003.